

Sr INVERNO

Sr. Inverno era conhecido por todos. Ninguém imaginava como ele se chamava de verdade. Afinal, "Inverno" não é nome que se dê para alguém.

Aquele era apenas seu apelido.

Não por acaso.

É que toda vez que Sr. Inverno passava, um estranho fenômeno acontecia: o frio surgia assim, do nada.

E não era friozinho, não.

Era friozão!

Para se ter uma ideia, a presença dele contrariava qualquer previsão do tempo anunciada pela moça na TV. Estivesse o sol mais escaldante ou o clima mais primaveril, bastava Sr. Inverno aparecer para qualquer estação se transformar imediatamente em inverno, claro.

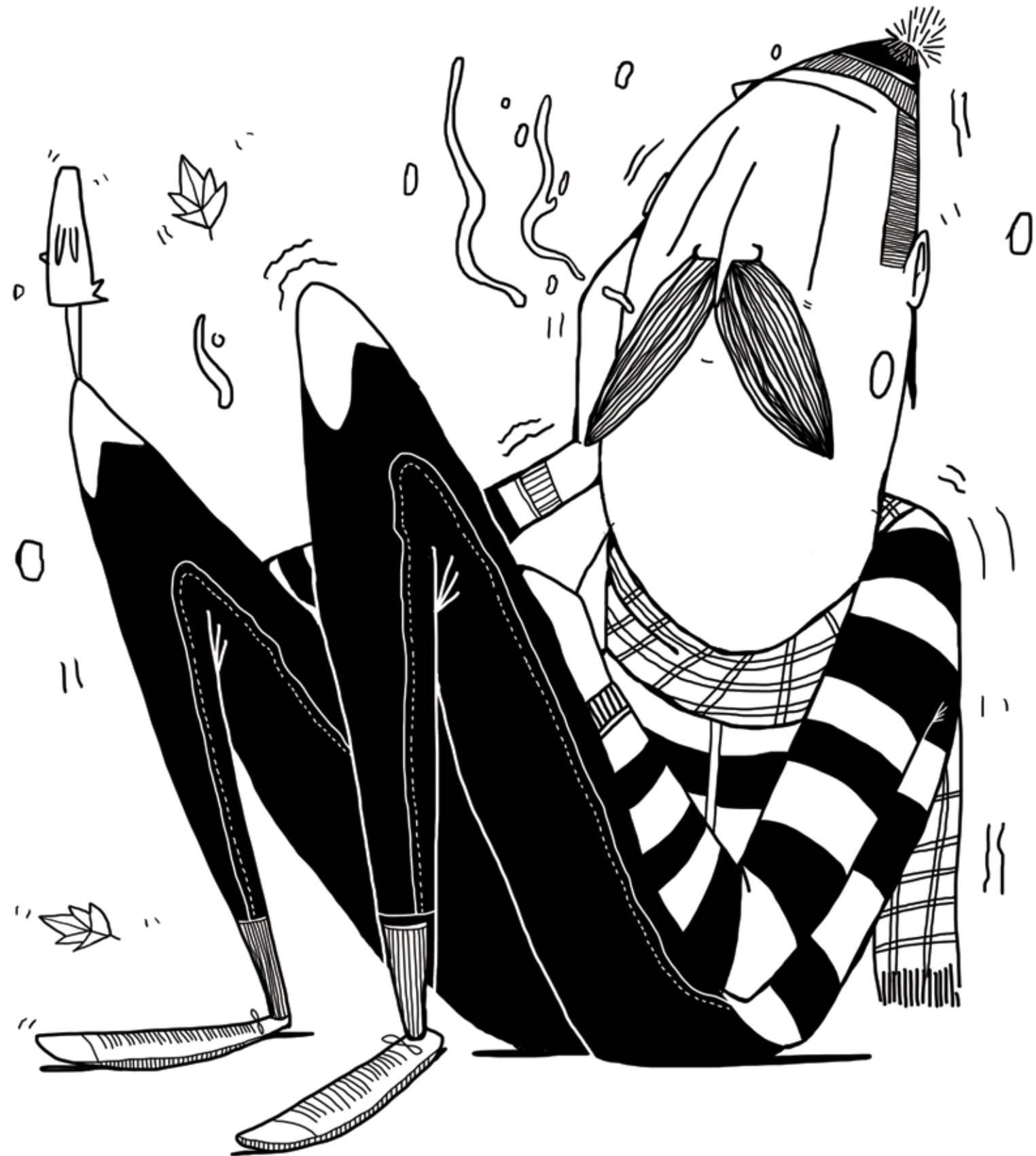
Ele era um senhor alto, quieto, que se vestia da cabeça aos pés, com gorro, cachecol, luvas, e tudo mais que fosse necessário para impedir que o frio que saía de seus poros se alastrasse pelo ambiente. Só que toda vez que surgia em algum lugar era um deus-nos-acuda – porque todos seus esforços eram em vão.

Era só ele virar a esquina para que todos na rua ficassem com o queixo batendo.

As mães sempre chiavam com sua chegada: nunca tinham blusas suficientes para seus filhos.

Os mais idosos preocupavam-se com a friagem súbita – idade tem dessas coisas.

Tinha vez que era tanto frio, que junto dele vinha um vento tão forte que as árvores balançavam de lá para cá, de cá para lá.



Em outras ocasiões, quando parecia estar mais triste, carregava consigo algumas nuvens pretas.

Sr. Inverno era uma frente fria instantânea. E este fato fazia com que as pessoas ficassem distantes dele.

Mas como já era bem velho, estava acostumado com aquele tipo de situação.

Foi assim a vida inteira: o homem que trazia o frio.

Quando o médico o tirou de dentro da mãe, tomou um susto daqueles: o menino estava gelado! Pensou no pior, mas o pequeno logo chorou – um choro assim, gélido, diga-se de passagem. Junto com seu comprimento e peso, também foi medida sua temperatura – e desde recém-nascido, o corpo de Sr. Inverno varia de menos cinco a cinco graus centígrados.

Ao longo dos anos, passou nas mãos de diversos médicos e ninguém conseguiu diagnosticar o que acontecia com ele.

Na infância, acostumou-se com a fuma-cinha que saía de sua boca toda vez que conversava com um amigo na escola. E também com os dedos enrugados, a boca rachada e a constante tremedeira de seus braços e pernas.



Mais tarde, na adolescência, preocupava-se com as garotas por quem se apaixonava. Poucas conseguiam ficar mais de cinco minutos junto dele. E as que, com boa vontade, tentavam continuar algum relacionamento, sempre terminavam com uma febre daquelas.

Foram anos de questionamentos e crises. Procurou até psicólogos para se consultar, mas não houve um que aceitasse ficar uma sessão inteira com o Sr. Inverno dentro de uma salinha – era como se estivessem em um grande congelador.

Solitário e desiludido, Sr. Inverno preferiu, então, viver sozinho.

Vez ou outra ele sai na rua para passear (gosta de um solzinho), para fazer compras (casacos e mais casacos), ou tomar sorvete (os de flocos são os preferidos!).

E foi em uma dessas andanças que Sr. Inverno percebeu que a sua vida não precisava ser tão cinza daquele jeito.

Sentado em um ponto de ônibus, viu-se entre um casal de jovens namorados que tinham acabado de se desentender. Cada um de um lado do banco e ele, quase imóvel, ali no meio.

A coisa parecia ter sido feia.

Sr. Inverno não gostava de brigas, mas preferiu não se intrometer.

Ficou lá, em silêncio, pensando na vida.

O clima foi esfriando – literalmente.

De um lado, a menina tremia, e do outro, o menino se encolhia.



Não demorou muito para que o rapaz tomasse a iniciativa de sentar-se ao lado da amada, para aquecê-la.

A cabecinha dela tombada no ombro dele certificou que a paz havia sido selada.

De rabo de olho, Sr. Inverno percebeu o casal agarradinho até o ônibus chegar – e daquele jeito, partiram.

O velho permaneceu ali por um tempo ainda, sozinho. Mas ele estava feliz.

Feliz porque, naquele dia, entendeu que quando aparecia, coisas bonitas também aconteciam:

Os desconhecidos ficavam mais perto um dos outros nas ruas.

Os solitários aproveitavam para ler um bom livro.

Os namorados se amontoavam debaixo do cobertor para ver TV.

As mães grudavam nos filhos e contavam histórias.

Os amigos se reuniam para comer algo, juntinhos.

As avós preparavam bolos para os netos.

E tantas e tantas outras coisas gostosas.

E desde então Sr. Inverno vivia sonhando com o dia que alguém mudasse seu apelido para Sr. Afeto.

ALEX SENNA

